

OUTROS MODOS DE PERCEBER A POBREZA ATRAVÉS DE NARRATIVAS IMAGÉTICAS.

OTRAS MANERAS DE ENTENDER LA POBREZA A TRAVÉS DE NARRATIVAS COM IMÁGENES.

OTHER WAYS TO US UNDERSTAND POVERTY THROUGH IMAGISTIC NARRATIVES.

Romênia Oliveira de SOUZA¹

RESUMO: O tema central deste estudo é a pobreza. Realizamos a pesquisa empírica no bairro Alto da Penha, em Crato-Ceará. O objetivo foi discutir a percepção da pobreza a partir de epistemologia contra hegemônica, de modo a instigar outras percepções desta temática. Trabalhamos com referenciais objetivistas e subjetivistas sobre pobreza. As metodologias incluíram a etnografia, o método compreensivo weberiano e a abordagem fotográfica, garantindo a coerência da prática desenvolvida. Não informamos, a priori, os moradores sobre o tema específico da pesquisa, tentando evitar a influência prévia que esta informação teria ativado neles. Como resultado nós colhemos um olhar novo e enriquecedor sobre o bairro; enquanto nossos colaboradores perceberam aspectos subjetivos e objetivos na hora em que fotografavam; as imagens que refletiam situações negativas mostraram, antes de tudo, a necessidade urgente de políticas urbanas. Posteriormente, conversamos com eles sobre seus entendimentos de pobreza. Concluímos ser fundamental enxergar lugares, situações e pessoas rotuladas de ‘pobres’ não pelo que lhes faltam, mas, pelo que eles têm a ensinar, fazendo-nos questionar situações que anteriormente teriam respostas definitivas. E do quanto são imprescindíveis discussões epistemológicas ampliadas a toda sociedade e não apenas em alguns poucos ambientes acadêmicos, apesar de não termos respostas sobre como fazê-las.

Palavras-chave: pobreza, percepções, fotografias.

RESUMEN: El tema central de este estudio es la pobreza. Llevamos a cabo investigación empírica en el barrio Alto da Penha, en Crato-Ceará. El objetivo fue analizar la percepción de la pobreza de epistemología contra hegemónica, con el fin de instigar a otras percepciones de este tema. Trabajamos con referenciales objetivistas y subjetivistas de la pobreza. Las metodologías incluyen la etnografía, el método comprensivo de Weber y el enfoque fotográfico, para garantizar la coherencia de la práctica desarrollada. Tenga en cuenta, no comunicamos a priori los sujetos sobre el tema específico de investigación, tratando de evitar la influencia de que esta información les habría permitido. En consecuencia elegimos una nueva y rica percepción sobre el barrio; mientras que nuestros ayudantes se dio cuenta de

¹ Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: romeniasol@bol.com.br

aspectos subjetivos y objetivos en el momento que fotografiaron; las imágenes que reflejan situaciones negativas mostraron, en primer lugar, la necesidad urgente de las políticas urbanas. Luego, hablamos con ellos acerca de sus concepciones de la pobreza. Concluimos que es indispensable para ver lugares, situaciones y personas etiquetadas 'pobres' no por lo que les falta, pero para lo que tienen que enseñar, haciéndonos pensar situaciones que anteriormente tienen respuestas definitivas. Y cuánto son indispensables discusiones epistemológicas extendidas al conjunto de la sociedad y no sólo en algunos entornos académicos, aunque no tenemos respuestas en cómo hacerlas.

Palabras claves: la pobreza, percepciones, fotos.

ABSTRACT: The central theme of this study is the poverty. We conduct empirical research in the ward Alto da Penha, in Crato-Ceará. The objective was to discuss the perception of poverty from epistemology against hegemonic, in order to instigate other perceptions of this theme. We work with Objectivist and subjectivist benchmarks on poverty. The methodologies included the Ethnography, the comprehensive Weber's method and the photographic approach, ensuring consistency of practice developed. Please note, not a priori, the locals about the specific topic of research, trying to avoid the prior influence that this information would have enabled them. As a result we picked a new look and rich about the neighborhood; While our employees realized subjective aspects and objectives at the time they photographed; the images that reflected negative situations showed, first of all, the urgent need of urban policies. Afterwards, we talked to them about their understandings of poverty. We conclude it is essential to see places, situations and people labelled 'poor' not for what they lack, but, for what they have to teach, making us question situations that previously would have definitive answers. And how much are indispensable epistemological discussions extended to the whole of society and not just in a few academic environments, though we don't have answers on how to make them.

Keywords: poverty, perceptions, photographs.

1 O ponto de partida...

Que pobreza é essa a conviver lado a lado com tanta riqueza? Tendo como ponto de partida esta inquietação e objetivando instigar outras percepções sobre a pobreza, escrevemos este estudo fundamentado em epistemologia contra hegemônica porque acreditamos ser necessário ampliar as formas como tratamos este tema tão delicado. Trata-se de estudo qualitativo, realizado com seis moradores de bairro considerado pobre do município de Crato, Ceará. Para aqueles habituados à amostragem representativa de uma população, deixamos claro já neste ponto do texto a intencionalidade de não utilizarmos tal recurso estatístico pelos seguintes motivos: (i) não é nosso objetivo caracterizá-los e nem classificá-los; (ii) este

processo de escolha na pesquisa qualitativa não segue a mesma lógica da quantitativa: o propósito é selecionar pessoas que contribuirão para a pesquisa em profundidade. A participação intencional destes colaboradores tem a vantagem de englobar mulheres e homens com idades diferentes, ocupações e escolaridades; (iii) trabalhamos com percepções, fenômenos individuais que podem, no máximo, ser semelhantes entre algumas pessoas, mas jamais iguais.

Percepções, aliás, expressam os atos pelos quais indivíduos tomam conhecimento de um fenômeno e/ou objeto. Não tratamos o mundo neutralmente. As diferentes experiências perceptuais são reflexos de sistemas de valores culturais distintos, haja vista que esses interferem no modo como percebemos. Quando o observador tem no repertório informações e reflexões sobre esses significados culturais, sua percepção e leitura serão modificadas e os sentidos ampliados e enriquecidos. Assim, percepção implica organização (sentido), interpretação (contexto) e significação (experiência passada) àquilo apreendido pelos sentidos. E para ver o mundo com outros olhos, e mudar os hábitos perceptivos, é preciso desautomatizar (JORGE, 2011).

O estudo da percepção é de fundamental importância para compreendermos melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas (FERNANDES *et al.*, 2013). As percepções serão subjetivas por existirem na consciência de uma pessoa e objetivas pela qualidade que estimulará as sensações. Em todas elas existe um componente afetivo contribuindo para a imagem representada. Implicam vida social sob contínua atribuição de significados e de valores, auxiliando na geração de ideias sensíveis e criativas, contrariando a tradição filosófica que a julgava enganosa e inferior (JORGE, 2011).

Neste estudo, qualitativo, usamos vasta bibliografia sobre pobreza e, na fase empírica, recorreremos ao Método Etnográfico, o Fotográfico e o Compreensivo Weberiano.²

A escolha pela etnografia se deve à possibilidade de aproximar o pesquisador de seus colaboradores e universos socioculturais e físicos, propiciando “olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais” a complexidade de relações vivenciadas que, por serem mais que um cenário onde transcorre a ação social, resulta de práticas, intervenções e modificações exercidas pelos mais distintos atores em suas interações, trocas e

² Cf. SOUZA, Romênia Oliveira de. **Por outros modos de perceber a pobreza:** Narrativas imagéticas de moradores do bairro Alto da Penha, em Crato – Ceará. (Dissertação) Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável. Universidade Federal do Ceará, campus Cariri: Juazeiro do Norte (CE), 11 de novembro de 2014. Nela há uma descrição detalhada sobre esses três métodos. (Disponível na biblioteca da atual Universidade Federal do Cariri, antigo campus da UFC, em Juazeiro do Norte).

conflitos (MAGNANI, 2009, p.132, *grifos do autor*). Por focar o comportamento social no ambiente natural, as fontes de dados qualitativos são as pessoas, os cenários e os objetos relevantes observados e descritos pelo pesquisador. Mas, embora sua perspectiva seja holística, não é possível registrar todos os detalhes (MOREIRA e CALEFFE, 2008).

Experimentamos o recurso às fotografias enquanto objeto possibilitador de maior reflexão e análise, centrando-se na pertinência de um olhar compartilhado, interativo e que confronta universos culturais distintos (BARBOSA e CUNHA, 2006). E ainda enquanto estratégia metodológica para substituir questionários e entrevistas. A fotografia tem as limitações da visão situada do fotógrafo e da invisibilidade de várias dimensões da realidade (MARTINS, 2013).

Por fim, o método compreensivo weberiano consiste no entendimento dos sentidos das ações dos sujeitos sem que essas se esgotem em si, apontando para um complexo de significações sociais (TRAGTENBERG, 1997). Para compreendê-la são consideradas as intenções e motivações do sujeito, os meios disponíveis para tal e a avaliação feita sobre esses elementos (RUÍ, 2011). Toda apreensão será parcial e poderá ser aprimorada em outras pesquisas.

2 A caminhada...

Frequentemente conceituada como escassez de renda e carência de recursos materiais indispensáveis à vida e com a predominância de avaliações monetárias do grau de pobreza, não costumamos pensá-la como processo multidimensional, nem auxiliar políticas sociais mais amplas assegurando acesso de qualidade à escolaridade, saneamento básico, segurança, trabalho, moradia e que reduzam a mortalidade infantil, dentre outras necessidades (FERRARINI, 2008). Essas noções agrupam dinâmicas relacionadas à instabilidade/precariedade do trabalho, fragilidade/ruptura de vínculos sociais básicos, fragmentação social, diversidade dos valores centrais, limites de pertencimento em zonas de estabilidade social e novas formas de exclusão em razão das reconversões industriais e tecnológicas (ESTIVILL, 2003 *apud* FERRARINI, 2008).

Nas ciências sociais, a pobreza é entendida em ao menos doze sentidos específicos, enquanto: classe social; dependência; carências de seguridade básica; ausência de titularidades; exclusão; necessidades insatisfeitas; privações; limitações de recursos; nível de vida; desigualdade; posição econômica; e juízo moral (SPICKER, 2009). Mas, apesar do diverso grau de complexidade destas, ainda são definidas a partir do olhar do observador

sobre o observado, se diferenciando pelo número de variáveis consideradas para definir o fenômeno estudado.

Milton Santos (1999) declarou que os países subdesenvolvidos conheceram pelo menos três formas de pobreza e de dívida social: a incluída; a marginalidade; e a estrutural. Amartya Sen (2010) criou o conceito de pobreza como privação de capacidades, atentando para a renda não ser o único instrumento gerador destas. Adriane Ferrarini (2008) trabalhou a pobreza sob cinco dimensões: econômica, social, política, humana e cultural. Debraj Ray (1998) estudou a pobreza sobre a ótica da desnutrição e suas consequências, privando o indivíduo dos direitos de gozar de boa saúde, receber educação e desfrutar de nutrição suficiente, destruindo aspirações, esperanças e o deleite do futuro.

Também o conceito de qualidade de vida ajuda na compreensão da pobreza enquanto ausência daquela, pois se relaciona com a satisfação das necessidades humanas regidas por valores pautados no bem-estar social e os relacionados à diferença (VITTE, C., 2009). Mas, mesmo com a inserção de elementos subjetivos nessas análises, ainda está implícito o caráter objetivo e normativo dessas. Para Latouche (2000), se a qualidade de vida é expressa em termos de um bem comum universal, as várias formas da arte de viver e de saber tendem a ser menosprezadas em benefício de um projeto coletivo único, que homogeneíza objetivos individuais.

Também vislumbramos o olhar subjetivista de Majid Rahnema (2000) sobre pobreza. Alguns leitores poderão sentir incômodos e o desejo de refutar suas ideias pelo fato da percepção de pobreza, enquanto privação contínua de necessidades, haver se naturalizado quase inquestionavelmente e ser ativada sempre que esta palavra é pronunciada. Isso chama atenção para as premissas implícitas socialmente incorporadas. Sugerimos, para momentos de difícil entendimento das suas afirmações, substituir a expressão ‘pobreza solidária’ por ‘sobriedade e novos estilos de vida’, orientados pelos conceitos de decrescimento sereno e bem-viver. Isto porque, atualmente, a palavra pobreza gera rejeição e quase medo e conceitos cunhados para referir-se a outros possíveis estilos de vida se deparam com o problema do crescimento ser instintivamente considerado bom enquanto o contrário é ruim.

Primeiramente, a ‘pobreza global’ – definida em 1948 pelo Banco Mundial, caracterizando como pobres os possuidores de rendas brutas insignificantes com relação àquelas dos países desenvolvidos – é uma construção moderna e o invento de uma cultura que não considera a pobreza como dificuldades humanas multifacetadas (RAHNEMA, 2000). Um

exemplar exercício do pensamento abissal³, onde se julga o ‘outro’ (do lado de lá da linha) conforme os parâmetros do lado de cá, como se estes fossem os únicos pensáveis e indiscutivelmente melhores. Somente após a expansão do capitalismo mercantil, dos processos de urbanização com seu empobrecimento em massa e da monetização social, os pobres foram definidos como carentes daquilo que os ricos tinham em termos monetários e de posses.

Sua segunda afirmação é sobre a existência de tantos pobres e tantas concepções de pobreza quantos são os seres humanos. Por muito tempo, em muitas culturas e no mundo pré-globalizado, pobre significou o cair do nível de vida, privação de instrumentos de trabalho, perda de status ou ofícios, falta de proteção, exclusão comunitária, abandono, enfermidade e/ou humilhação pública (RAHNEMA, 2000). A pobreza era sinônima das condições precárias nas quais a maioria das pessoas sobrevivia, vencendo necessidades historicamente dadas de enfrentar o inevitável, envolvendo uma interpretação cultural específica de como viver dentro de limites extremamente reduzidos, definidos de forma diferente para cada lugar e época. (ILLICH, 2000). O ponto em comum entre as diversas concepções era a ideia de falta ou deficiência. “Quando pobre é definido como destituído de uma série de coisas necessárias para a vida, pode-se perguntar: O que é necessário e para quem? E quem está autorizado a definir isso tudo?” (RAHNEMA, 2000: 230).

Sua terceira afirmação fala sobre uma transformação radical do nosso estilo de vida, incluindo a reinvenção da pobreza solidária – isto é, “o ideal de uma subsistência baseada nos antigos princípios morais de simplicidade, frugalidade, suficiência e respeito por todos os seres humanos e todas as formas de vida” – tornando-se condição necessária de qualquer luta séria contra as formas de produção da miséria (*Ibid.*: 245). Há “o temor de cair novamente num passado miserável, [...] Contudo, não se trata de voltar a essa penúria, geralmente exacerbada por desigualdades insuportáveis” (LATOUCHE, 2009: 73).

Portanto, os fatos fundamentadores das construções de pobreza são ‘coisas’ materiais ou existenciais cuja falta é vista como tal, condicionadas aos diferentes espaços e sociedades, e incorporados às nossas ideias sem confirmarmos primeiro a sua imagem. Só quando essas

³ Boaventura de Sousa Santos (2002; 2010) constatou ser a experiência social mundial mais extensa e variável do que a conhecida e legitimada pela tradição científica e filosófica ocidentais. Essa sua averiguação embasa-se na crítica ao pensamento abissal moderno ocidental, estabelecendo de um sistema de distinções divisoras da realidade social em dois universos: o ‘deste lado da linha’ e o ‘do outro lado da linha’ que, embora invisíveis, fundamentam as distinções visíveis. Alguns exemplos dessas linhas abissais são: a concessão à ciência do monopólio entre o verdadeiro e o falso, em detrimento dos conhecimentos alternativos (filosofia, teologia e, principalmente, daqueles ditos populares e os indígenas); a dicotomia apropriação/violência às sociedades coloniais; o legal e o ilegal no campo do direito moderno nacional e internacional; entre outras.

coisas, ou sua combinação, são sentidas pelos sujeitos como expressão de pobreza, é que adquirem o exato significado associado a ela, pois, nem sempre, a falta de meios materiais é vista negativamente (RAHNEMA, 2000).

No âmbito do senso comum, a pobreza é predominantemente pensada pelos não pobres de tal forma que dela tem-se uma imagem em negativo: os pobres tendem a ser pensados não em sua positividade concreta – como são, de fato –, mas em termos do que lhes falta, do que não têm (nos campos material e simbólico), além de ser vistos, também em termos tendenciais, como não sujeitos, como seres passivos que pouco (ou quase nada) atuam sobre o mundo (LEITE, 2002 *apud* LEITE, 2005: 5).

Se olharmos o mundo de maneiras diferentes, redescobriremos a multiplicidade de formas reais e possíveis de ordenar as comunidades e o valor destas, nos conscientizando de que muitas das coisas que chamamos de pobres são apenas formas diferentes de prosperidade (LUMMIS, 2000). Precisamos considerar aqueles classificados em situação de pobreza como sujeitos capazes de intervir no mundo em que vivem, “ainda que não o façam da forma que muitas vezes se lhes propõe/impõe com base num ‘olhar de fora’, que desconhece a positividade concreta de sua situação”. Afinal, “*os pobres que sobrevivem* poderiam sobreviver, ainda que a duríssimas penas, se não fossem sujeitos atuantes, que improvisam com criatividade, a todo o momento, para atender às necessidades mais elementares?” (LEITE, 2005: 7, *grifos do autor*).

Após realizarmos estas leituras, fomos ao bairro Alto da Penha, entre janeiro e março de 2014 para contarmos moradores que se dispusessem a colaborar conosco, informando-os que se tratava de um estudo acadêmico, sem quaisquer ligações com políticos locais. Pedimos para refletirem sobre as coisas que mais gostavam e menos gostavam no lugar onde vivem, e retornamos, noutros dias, para que fizessem as fotos com nosso equipamento. Percebemos a dificuldade de alguns em escolher o que fotografar. No primeiro momento não introduzimos o termo pobreza para não influenciar em suas percepções, levando conceitos externos impostos por técnicos e especialistas e socialmente naturalizados (metodologia etnográfica e fotográfica). Deparamo-nos com questões assinaladas por Ferrara (1999) quando considerava a possibilidade de alguns moradores resistirem em participar porque estavam cansados e sem disponibilidade de tempo livre. Ou mesmo desinteressados em atividades que não lhes trariam retornos financeiros. Além da desconfiança com os propósitos do estudo e o medo de manusear equipamento fotográfico, sem obter êxito.

Após essas constatações, trabalhamos com os seis moradores (apresentamos nomes fictícios) que se mostraram mais acessíveis, e usamos o Método Compreensivo de Weber para

relacionarmos seus perfis, fotos e argumentações. Após escrevermos apreciações sobre as percepções dos moradores, tornamos a conversar com eles para conhecer seus entendimentos sobre pobreza. A análise dos discursos e a comparação com suas percepções do momento de ocultamento do tema da pesquisa nos ajudou ainda a ‘concluir’ este estudo.

Quadro 1. Perfis dos participantes

Madalena, 36 anos, casada, tem três filhos. Dona de casa, vende bebidas alcóolicas em sua residência para ajudar nas despesas domésticas. Estudou até o ensino fundamental. Religião católica.
Valentim, mais de 50 anos, casado e com filhos. Profissão, escolaridade e religião não informadas.
Açucena, mais de 40 anos, casada, tem três filhos, dona de casa. Estudou o ensino fundamental completo. Religião católica.
Nabuco, mais de 50 anos, solteiro, sem filhos, trabalha no setor de limpeza da Prefeitura Municipal de Crato e vende bilhetes de jogos. Não informou escolaridade e religião.
Ricardo, 19 anos, solteiro, sem filhos, mora com familiares, estudante do primeiro ano do ensino médio em escola pública municipal.
Isolda, 32 anos, casada, com filhas, dona de casa. Estudante de graduação em Administração Pública pela Universidade Federal do Cariri.

Fonte: Pesquisa empírica (2014).

Quando indagados sobre aspectos bons e ruins no seu lugar de moradia, sem mencionar o termo pobreza, percebemos que pensar sobre o assunto e eleger o que fotografar foi difícil para praticamente todos. No nosso segundo encontro, Madalena sorria descontroladamente e levantava os ombros, como se desculpando por não ter chegado a alguma conclusão sobre o que fotografar. Mencionou ter conversado bastante com um parente sobre o assunto, e mesmo assim estava com dificuldades. O medo de as fotos não ficarem boas e o fato de nunca haver manuseado um equipamento fotográfico vieram à tona. Nós a ensinamos, mas esta nos deu mais informações orais do que com as imagens. Ricardo foi enfático sobre fotografar apenas o que mais lhe incomodava, pois no bairro não há coisas de seu gosto.

Valentim aparentou ter clareza sobre os aspectos que mais lhe incomodavam no bairro e mencionou a importância de atividades culturais dizendo que quem não gostasse de cultura, não era brasileiro. Falou sobre o problema do esgotamento sanitário do bairro e mostrou-nos aspectos interessantíssimos sobre o mesmo (seu quintal e o bar onde se encontra com os amigos). Açucena relatou que adoraria morar em outro local. Não o fez por causa da recusa do marido em mudar de bairro. As discussões com uma vizinha provocam esta visão negativa.

Isolda pareceu-nos participativa e cheia de convicções, com percepções influenciadas pelos seus estudos acadêmicos e por uma maior consciência política e mobilizadora. De fato, obtivemos 68 fotos digitais registradas pelos seis moradores, embora só apresentemos algumas delas. No quadro 2 informamos os temas recorrentes, sua frequência, o número de moradores que fizeram tais fotos e o daqueles que apenas conversaram a respeito.

Quadro 2 – Registros fotográficos dos moradores para a pesquisa

Tema das fotos	Percepção do morador	Freq.	Moradores que fotografaram	Moradores que apenas conversaram
Esgotos a céu aberto	Ruim	13	2	1
Lixo disperso	Ruim	9	1	0
Pessoas da comunidade	Bom	9	2	0
Igreja/Religiosidade	Bom	5	2	2
Fachadas de residências	Bom/Ruim	5	2	1
Espaços culturais e esportivos	Bom/Ruim	8	3	3
Escola e biblioteca	Bom/Ruim	3	1	3
Interior da moradia	Bom	5	2	0
Comércio do bairro	Bom	11	2	1

Fonte: Pesquisa empírica (2014).

Os esgotos lançados a céu aberto (figura 1) foram reclamações de Ricardo, Madalena e Valentim, principalmente pelo mau cheiro e aumento de mosquitos. Mencionaram sobre o vereador do bairro “ser fraco” porque não conseguiu aprovar na Câmara municipal um projeto de saneamento. Quanto ao lixo (figura 2) espalhado pelo bairro, apenas Ricardo fotografou. Sem precisar de muitas palavras para mostrar sua indignação, o rapaz deixou suas nove imagens falarem por ele.

Figura 1 – Esgotos a céu aberto

Fotos: 1ª e 2ª, Ricardo; 3ª, Madalena (pesquisa empírica, 2014).

Quaisquer políticas de saneamento para a promoção da saúde abrangem a implantação de infraestrutura, adequado sistema de água e esgoto, drenagem, recolhimento e reciclagem de resíduos sólidos e ações educativas voltadas para os usuários desses sistemas. Precárias condições sanitárias e de abastecimento d'água tornam a população mais vulnerável às doenças de veiculações hídricas, especialmente as crianças que têm imaturidade imunológica. (SARAIVA, *et al.*, 2013). Em nossas caminhadas pelo bairro, encontramos crianças brincando descalças no chão de terra batida, em frente às suas casas.

Figura 2 – Lixo disperso pelo bairro

Fotos: Ricardo (pesquisa empírica, 2014).

Em Crato não existe estação de tratamento dos esgotos, e imagens como as retratadas

são comuns em outros bairros. Em uma das fotos aparece um bueiro destampado, rodeado de mato e lixo. Além da falta de políticas adequadas, não podemos deixar de ressaltar a falta de higiene e de cuidados com o entorno por parte da população. É o enfraquecimento da visão do global e das nossas responsabilidades. Quanto à reclamação dos moradores sobre a ‘fraqueza’ do vereador em aprovar seu projeto de saneamento básico, às vezes, isso ocorre porque esse é mal feito ou não se enquadra em ‘padrões’ esperados. Conforme Egler (2006), algumas políticas são construídas sobre a formulação analítica que unifica economia e política, com o Estado assumindo ações garantidoras apenas das condições de vida para a reprodução da força de trabalho, sem tentar compreender o cotidiano e sem cuidar das coisas e das pessoas.

Como a população, sem condições sanitárias adequadas, poderá desfrutar de boa saúde, trabalhar e auferir os meios necessários a sua subsistência? Em 2012, a taxa de cobertura de água urbana municipal foi de 92,53% e a taxa de cobertura urbana de esgoto foi de 26,5% (CAGECE *apud* IPECE, 2013). Do total de 33.925 domicílios particulares permanentes, 85,18% tinham seus abastecimentos d’água ligados a rede geral; e 4,92% eram abastecidos por poços ou nascentes. O esgotamento sanitário desses domicílios era destinado à rede geral ou pluvial em 34,79% dos casos; à fossa séptica em 9,31% dos domicílios; e 50,07% tinham outras formas de destinação; e 84,12% se beneficiaram com a coleta de lixo, que não é seletivo (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010 *apud* IPECE, 2013).

Se abordarmos a pobreza como privações de necessidades básicas isso significa que, com uma cobertura de esgoto tão baixa, o Crato é um município pobre, apesar do PIB relativamente elevado (em 2011, foi de R\$ 1.022.157 mil) e do IDH mediano (em 2010 foi 0,713)? A resposta para esta última indagação será afirmativa para quem considera esta privação como indício de pobreza urbana; para aqueles que valorizam apenas a renda agregada a resposta será negativa. Se usarmos o raciocínio de Rahnama, as precárias condições sanitárias serão sinônimas de pobreza apenas se a população assim reconhecer. O ponto comum aos posicionamentos é que esta falta de meios sempre é vista negativamente.

No mosaico da figura 2, outro aspecto negativo, percebemos o descaso com o lixo tanto por parte dos moradores, quanto dos governos cratense. Chamou nossa atenção o fato de no bairro, onde houve manifestações para retirada do lixão municipal, se descartar tanto detrito em diversos pontos e apenas um morador ter mencionado o problema do lixo. Saraiva *et al* (2013) afirmaram que tanto no bairro Alto da Penha quanto na Batateira ainda é possível evidenciar a queima e a dispersão do lixo a céu aberto. O descarte fora de locais adequados notoriamente é considerado evidência de pobreza. Mas esse tipo de ação é um péssimo hábito

cultural, amplamente espalhado além dos bairros classificados como pobres, fazendo com que os cuidados relativos ao lixo se limitem a evitar seu acúmulo dentro de residências e ambientes privados.

Os aspectos negativos sobre esgotos e lixo nos remeteram aos escritos de Vitte, C. (2009) quando diz que indivíduos interagem com o mundo através das atividades cotidianas buscando a satisfação de suas necessidades e desejos. A percepção urbana, enquanto prática cultural, se apoia no uso urbano e na imagem física, isto acaba se constituindo como elemento representativo da qualidade de vida urbana. Daí nós assumimos que esses aspectos aparecem como indícios de ausência ou como redução na qualidade de vida do bairro. Independente de esta ser considerada ou não como sinônima de pobreza.

Uma discussão sobre a qualidade de vida requer a consideração sobre a necessidade de se refundar um 'novo' diálogo com as novas racionalidade e razão na sociedade, reintegrando a natureza na cultura e no cotidiano das pessoas. Isso exige nova reflexão filosófica, estética, científica e, acima de tudo, política, com a (re)invenção .da cidadania (VITTE, A., 2009: 118).

Dentre os aspectos positivos mais citados pelos moradores e fotografados, temos o povo do Alto da Penha. Isolda retratou uma comerciante patrocinadora dos eventos culturais da comunidade. Nabuco retratou o cabelereiro homossexual bem aceito pela comunidade e Dona Lil, artesã e rezadeira. Outras pessoas foram fotografadas: um D.J., um jogador de futebol do bairro e uma senhora conhecedora de histórias sobre a vida de todo mundo. Os laços sociais são interações importantes no apoio individual ou coletivo e estão presentes no cotidiano ajudando direta ou indiretamente. Podem mostrar o que une as pessoas e também definir os limites da rede de amizade. Isto é, aqueles que ficaram de fora, cujo comportamento se desaprova (PORTUGAL, 2006). Ao retratar pessoas comuns, os moradores exaltaram o envolvimento com a comunidade, a honestidade e coragem de assumir sua condição afetiva, a arte e religiosidade como sendo algumas qualidades dos retratados, lhes inspirando respeito e admiração. Todos estavam em seus ambientes de ofícios.

Ferrarini (2008) atentou para a fragilização dos laços sociais, dos vínculos afetivos, a não aceitação e desvalorização nos contextos sociais como dimensão social da pobreza. E nos perguntamos: onde está a pobreza social naqueles moradores que escolheram retratar pessoas comuns de seu bairro como exemplo do que há de bom? Até que ponto o contexto socioeconômico influencia a valorização ou não de determinadas pessoas? As liberdades individuais e capacidades ressaltadas por Sen são respeitadas em nossa sociedade? Com relação à afirmação de Rahnama sobre os vários significados do que era considerada pobreza ao longo dos tempos, não foi percebido o cair do nível de vida, a privação dos instrumentos

de trabalho, a perda de ofícios e nem a exclusão comunitária. Logo, os exemplos perceptivos dessa série de fotos não caracterizariam pobreza em nenhum dos olhares.

As boas percepções sobre a igreja/religiosidade se deveram não apenas pela fé das pessoas, mas também pelo papel desempenhado pelo padre frente a projetos sociais na comunidade, em especial aqueles referentes à Pastoral do Menor. No caso de Madalena, a igreja (no sentido de religião) lhe traz conforto espiritual e força para vencer os problemas familiares. Citou devoção à Santa Terezinha, as graças recebidas, e um convite feito para ela trocar de 'igreja'. Assim como sua recusou porque "está nela desde que nasceu". Suas imagens mostram a igreja do bairro em processo de reforma e a estátua do padre Cícero Romão Batista, considerado santo pelos seus devotos.

Recorremos à Comte, Durkheim e Weber para entender a importância da temática na sociedade e qual sua possível ligação com nosso estudo. Para Comte (1798-1857) o papel central da religião era integrar o sistema social, consolidando e estabilizando a relação homem-sociedade. Durkheim (1858-1917) considerou as crenças e práticas elementos culturalmente determinados de manter e de regular as relações, estabilizando as sociedades. A religião seria um fato social com o poder de coagir indivíduos e corresponderia a determinadas condições históricas; enquanto a igreja seria o espaço onde crenças e práticas religiosas se articulam, formando uma comunidade moral. Weber (1864-1920) lia a pluralidade de valores e de éticas competindo entre si, permitindo a cada pessoa escolher a combinação destas que mais supriria as melhores formas de viver no mundo (SIQUEIRA, 2008).

Pareceu-nos que essas teorias encontram sua correspondência com alguns fatos da realidade local, associada à forte presença de uma espiritualidade que, conforme Siqueira (2008) seria uma resposta a aspectos da vida, ao relacionamento com o sagrado ou com o transcendental, podendo ou não levar ao desenvolvimento de rituais religiosos e à formação de comunidades. Este aspecto nos permite observar os resquícios de um mundo qualitativo, orgânico, limitado e perpassado pela sacralidade por baixo da visão quantitativa, do mecanicismo, da ideia de mundo extenso, ilimitado e dessacralizado imperante. Sem querer endeusar esse mundo resistente, ele nos parece fragilizado pela pouca consciência de si e enquanto potencial de alternativa ao paradigma dominante.

Quanto às percepções sobre os espaços culturais e esportivos, Isolda fotografou a Pastoral do Menor, Organização Não Governamental apoiada pela diocese e prefeitura, onde são ofertados cursos de teatro, dança e artesanato; e há uma brinquedoteca infantil. É ruim o

fato de não atender adolescentes. Para ela, manter as crianças ocupadas e lhes proporcionar acesso a atividades culturais e lúdicas é um caminho para estas desenvolverem seus potenciais criativos e se empoderarem. Nabuco sente orgulho em ter inserido plantas no jardim da Pastoral, um dos motivos porque também fotografou a fachada do prédio. Em outra foto ele registrou o imóvel do barracão da escola de samba Operários do Samba porque, um dia, tal espaço foi importante para a comunidade. Por estar inativo, se caracteriza como aspecto negativo. Isolda mencionou a restrição do espaço a eventos privados, e lembrou com carinho do empenho dos moradores em confeccionar suas fantasias, pagando muitas vezes um valor elevado por elas, para os desfiles carnavalescos pelas ruas de Crato.

Reis (2006) ressaltou que, na sociedade do consumo, o lazer necessita de atividades econômicas para satisfazê-lo e modifica até a forma de uso de espaços antigos causando o estranhamento daqueles que vivenciaram experiências públicas naqueles locais. Haveria, portanto, pobreza cultural relacionada ao acesso precário à contemplação e ao exercício da expressão de si através do lúdico e da arte. Assim como pobreza social (fragilização dos vínculos sociais e do sentimento de pertencimento ao bairro, representando-o em festas populares) e até pobreza política. A população já não se reúne para pensar criticamente no tema a ser desfilado pelas escolas de samba, não trabalha mais nas confecções das fantasias expressando sua criatividade. Acabou impedida de desfrutar de um processo com potencial para o desenvolvimento de seus talentos.

A imagem 3 mostra duas quadras esportivas: uma de vôlei de areia e outra de futebol (coberta). O aspecto positivo, para Isolda, foi a construção do espaço para práticas esportivas pela própria população, buscando apoio financeiro para colocar iluminação noturna. O negativo é ali ter se tornado ponto de encontro para usuários de drogas, por estar desocupada grande parte do tempo. As drogas estão entre os aspectos que mais a preocupam, por impulsionar jovens sem oportunidades no mercado a encontrem no tráfico um meio aparentemente fácil de conseguir ‘melhorar seu padrão de vida’.

Figura 3 – Quadras esportivas



Foto: Isolda (pesquisa empírica, 2014).

Acompanhando-a até onde esta foto foi feita, escutamos um breve diálogo entre ela e outro morador sobre aulas gratuitas para quem fosse participar de concursos públicos. Reclamavam da falta de interesse de alguns jovens que, como falou o homem, “não querem fazer concurso”. No caso de ações civis para a juventude no Alto da Penha, Isolda comentou sobre algumas forças políticas do bairro ‘boicotarem’ trabalhos sem fins lucrativos realizados por ela, alegando um intento desta em se candidatar à vereadora. Ao invés de trabalharem em conjunto, visando o bem comum.

Sobre o difundido uso de drogas refletimos as duas percepções antagônicas dos moradores de que ‘a falta de oportunidade faz com que os jovens busquem as drogas’ e a de que ‘os jovens não querem se submeter a concursos públicos’. Falta comprometimento, projetos de médio e longo prazo? Ou o problema da juventude é querer conquistar o mundo da maneira mais fácil? Quais valores morais são apreendidos por essa juventude? Pensando sobre a descrição de pobreza humana enquanto dificuldade de ter projetos de vida, de sonhar e planejar um futuro melhor, por que a escolha de se submeter a concursos públicos notoriamente aparece como o melhor caminho para tal, mas supostamente não é a pretensão dos jovens desse bairro?

Cabral *et al.* (2010) escreveram sobre o fato de a juventude ser tratada como lugar do transitório entre a infância e as condições de adulto. Quando vista sob o viés econômico, se coloca entre a dependência e a independência financeira. O anseio por visibilidade e valorização social também é fundante de um ‘eu’ que se atualiza no grito da alteridade e se esvai àqueles não detêm poder de consumo. E apesar da consciência juvenil do curto tempo de vida proporcionado pelo narcotráfico, este se mostra como possibilidade real e concreta de

independência financeira e de sustento.

Isto nos faz pensar, [...] frente à complexidade do tema – na expressão desse tipo de violência como quebra da *invisibilidade social*, que é uma constante no viver das juventudes de camadas mais populares. [...] Na sociedade brasileira, [...] não raro, o crime organizado é mais atuante que o poder público e ações civis responsáveis. Passar de sujeito invisível e emudecido a autor membro de uma facção criminosa reconhecida, a autoridade, real ou fictícia no âmbito influente do narcotráfico [...] é uma alternativa explicitamente atraente. [...] Talvez como forma de amenizar a percepção da realidade crua, com vistas a se resguardar à vivência do prazer imediato, que almeja, mesmo em sua fugacidade, uma visão de si um pouco mais ativa e potente (CABRAL *et al.*, 2010: 124, *grifos do autor*).

É muito comum na nossa realidade, que projetos com potenciais transformadores sejam modificados ou pelas minorias com poder político-econômico, ou pelas agências de fomento. Isso reflete uma pobreza política e de percepção por parte dos indivíduos com prioridade em seus objetivos pessoais em detrimentos dos interesses comunitários, como também por parte da população ao desconhecer a injusta distribuição de riqueza e os artifícios usados para mantê-la. Mas existem muitas alternativas a essa baixa inserção comunitária em atividades políticas, como o esporte e a educação, aspectos percebidos e citados pelos moradores. A busca dos jovens pelas práticas esportivas, em particular, está relacionada com a saúde, a sociabilidade, com a necessidade de pertencer a um grupo, além de fazer novas amizades. São aspectos importantes no desenvolvimento psicológico, moral e ético de sujeitos em fase de formação de suas personalidades. É uma alternativa humanamente muito enriquecedora para contrapor àquela ensejada por quem envereda no narcotráfico.

Na figura 4 aparece a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gonzaga Mota. Citada por Madalena como aspecto positivo no bairro mencionou o projeto Mais Educação, propiciador de prática esportiva dos filhos. Todos gostam de futebol e de capoeira, e o primogênito está ensinando outras crianças. Durante nossa conversa, percebemos o entusiasmo demonstrado por ela ao falar sobre seus filhos e o empenho destes em estudar e praticar esportes. Mas, um dos filhos discute com um professor porque este último deseja a participação do menino em atividades que não são do interesse dele e, por essa razão, quer parar de frequentar tais aulas e jogar capoeira e futebol. “Que educação é essa?”, indagou Madalena.

No momento em que Nabuco fotografava a escola, o pedreiro que pintava a fachada e aparece na imagem gritou que não postássemos fotos na rede social *Facebook*, dizendo tratar de obra do vereador do bairro, já que era a diretoria da escola quem pagava pelo serviço. Um morador desconhecido, ao ouvir tudo, falou mal do pedreiro em defesa do vereador, pois esse último “também pagava” pela obra. A outra foto deste mosaico mostra a biblioteca do bairro.

Isto deveria ser um aspecto positivo, mas foi citado negativamente por permanecer a maior parte do tempo fechada. Alegaram haver lá muitos livros bons, mas os funcionários não agem como deveriam e parecem não gostar quando chega gente porque eles têm que trabalhar. Isolda opinou sobre existir no bairro poucos indivíduos com formação universitária, mas haver muita gente com capacidade de administrar os órgãos públicos, geridos por pessoas de fora da comunidade e pouco envolvidas com a realidade local.

Figura 4 – Escola e biblioteca do bairro



Fotos: Nabuco (pesquisa empírica, 2014).

Escrever sobre a importância da educação e do bom acesso às informações não nos parece necessário. Por isso, focamos apenas na fala de Madalena sobre o projeto esportivo da escola de seus filhos e ao questionar a imposição feita por um professor sobre em qual projeto o garoto deveria se envolver. “Uma prática excludente e seletiva, que impede crianças, adolescentes e jovens de serem livres e de desenvolverem sua autonomia e criticidade, contradiz os atributos educativos” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004: 11 *apud* FLORENTINO e SALDANHA, 2007: 3). A recusa do jovem, em aceitar a determinação do professor acreditando ser melhor para ele, nos mostra o cuidado consigo e a capacidade de perseguir seus próprios desejos – isso não é pobreza humana.

No que refere às percepções sobre o setor econômico comercial do bairro, os moradores também fotografaram bares, padarias, lojinhas, etc. Citaram como positivos os fatos de poderem conversar com amigos enquanto bebem cervejas e fazerem suas compras no próprio bairro, pagando apenas no mês seguinte. Argumentação semelhante à dos moradores sobre sua percepção positiva do comércio de bairro já foi estudada por muitos pesquisadores. As conclusões são que isso se deve a maior proximidade da habitação e aos horários de funcionamento mais favoráveis, além da possibilidade de comprar fiado. Apesar de que, às

vezes, os produtos não são diversificados e são mais caros do que nas áreas centrais (MURPHY, 1972 *apud* BEAUJEU-GARNIER, 2010). Nas formas economicistas de olhar as coisas, seriam percepções de pobreza. Contemplando por outra perspectiva, o aspecto preocupante seria o consumismo relacionado aos ideais difundidos socialmente e propagandeados pelos meios de comunicação de massa. “Para participarem da desregulamentada competição global, os bens, os serviços e sinais devem despertar desejo e, tão logo alcançarem isto, devem abrir espaço para outros objetos de desejo, caso contrário o ciclo vicioso irá parar” (BAUMAN, 1998: 86 *apud* REIS, 2006: 297).

Mas esse tipo de comércio é uma parte importante de influência na vida local desaparecida em muitos lugares. Deve ser incentivado, principalmente, se pensarmos sobre o fato de que, para cada emprego gerado nas grandes redes de varejo são destruídos, em média, cinco empregos nos comércios de vizinhança. Também vale lembrar aspectos sustentáveis pouco percebidos de realizar compras localmente: menos utilização de transporte rodoviário; cadeias de produção relativamente mais transparentes; menos dependência dos fluxos de capitais e das multinacionais; e até maior segurança (LATOUCHE, 2009).

Para analisar as imagens de habitações nos inspiramos em pesquisa sobre percepção ambiental realizada por Ferrara (1999), ao tratar do tema como espaço heterogêneo, cujas representações fotográficas são divididas em dois blocos: aquela direta e imediata; e a indireta, produzida pela mediação de outros elementos lidos como signos do próprio tema proposto. Valentim fotografou o seu quintal (figura 5) e depois pediu para que nós o retratássemos no local. De todos os cômodos de sua casa, escolheu mostrar o quintal onde fez a festa de aniversário de 15 anos de sua filha.

Figura 5 – Quintal de Valentim



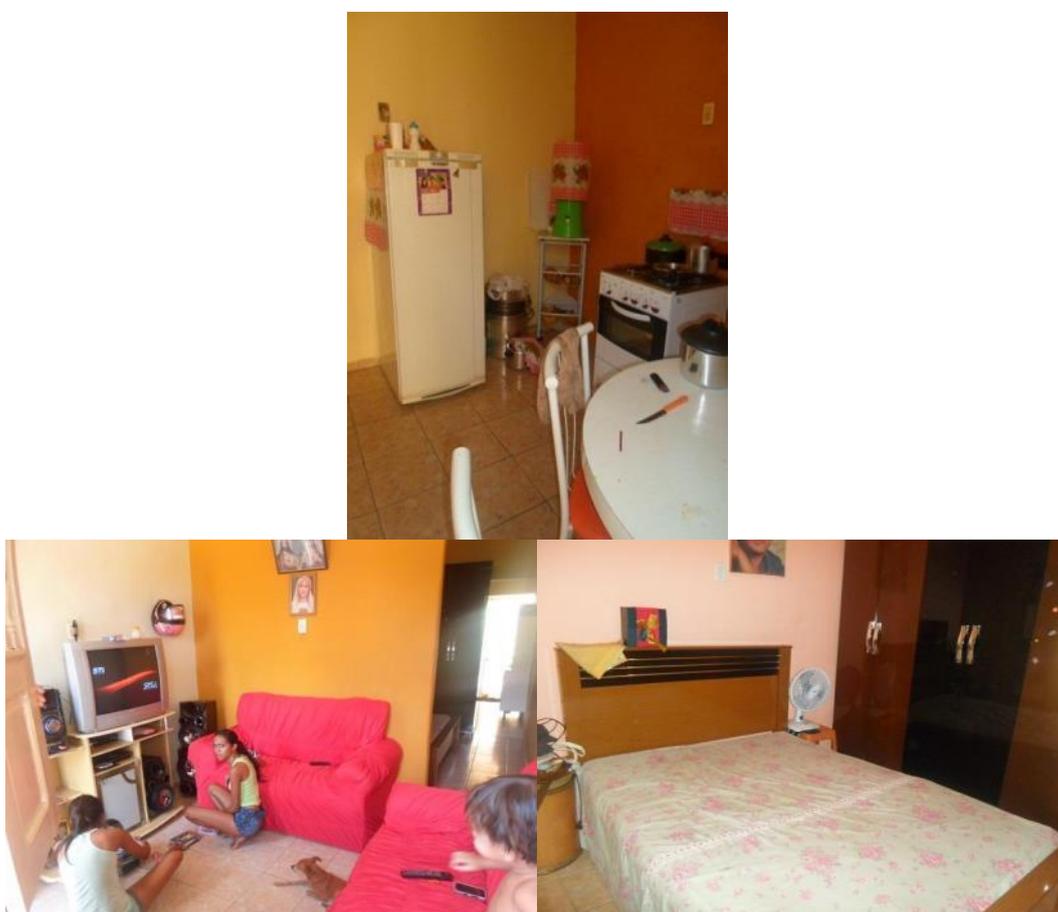
Foto: Valentim (pesquisa empírica, 2014).

Analisando esta imagem de forma imediata, aquele não seria o melhor local da casa

para se fotografar. Partindo de olhares economicistas, os componentes da foto e a ‘bagunça’ mostrada ali seriam signos da pobreza. Mas a história por nós desconhecida, os sonhos, os esforços e as alegrias pela realização do aniversário da filha, estão presentes na memória e no orgulho de Valentim em ser fotografado ali. Foi um dos aspectos mais interessantes e emocionantes desse processo de pesquisa empírica: lidar com a percepção do não visível sendo mais forte para o morador-fotógrafo em comparação ao que está lá. Toda essa subjetividade mostra o valor dos laços afetivos para esse pai e a sua simplicidade aparente.

Nas imagens da figura 6, Açucena fotografou a cozinha, a sala de visitas e seu quarto. Percebemos a limpeza da casa, o zelo, as paredes bem conservadas e coloridas, aspectos que donas de casas sempre têm orgulho de mostrar em seus lares e que representam socialmente a identidade da mulher cuidadora dos trabalhos domésticos. Também são os ambientes onde ela mais está presente e considera como sendo ‘seu espaço de influência/poder’.

Figura 6 – Habitação de Açucena



Fotos: Açucena (pesquisa empírica, 2014).

“A casa é o lugar do indivíduo no mundo, onde ele pode realizar sua intimidade e se proteger da violência. [...] é um ‘grande berço’, onde se realizam os valores da intimidade; é condição da existência humana, de seu corpo e de sua alma” (BACHELARD *apud* TEIXEIRA, 2003 *in* EGLER, 2006: 245). A habitação é uma extensão do corpo humano e permite sua reprodução biológica, e se refere a uma de suas condições como indivíduo (EGLER, 2006). Essas ponderações permitem entender a percepção de Açucena do seu lar como o que há de melhor no bairro. Lendo os signos da riqueza revelados nestas três últimas fotos, esse lar dificilmente seria classificado como pobre por causa da presença de bens de consumo duráveis modernos e da estrutura física da moradia.

Quanto a fotografias sobre as fachadas das residências, as percepções dos colaboradores se referiram as tintas ativas usadas para colorir as casas; uma bandeira do Brasil pintada no muro de uma delas; uma única casa com pavimento superior em uma rua onde todas as outras são térreas; e um ‘inocente’ enfeite natalino pendurado numa porta ao final do mês de janeiro (na casa de um traficante de drogas). Nessa última, percebe-se o quanto é diferente das moradias ao seu redor, superínfimas. Descobrimos que em determinada rua apenas uma moradora vive em residência alugada. Chamou atenção os símbolos do consumismo moderno banalizados em nossos olhares diários (antenas parabólicas no teto de casas muito módicas e até de taipa, por exemplo) e o orgulho de, por mais modesta que seja a moradia, ela ser própria.

Durante nossas visitas ao Alto da Penha, encontrávamos pessoas sentadas nas calçadas, conversando com os vizinhos, ouvindo música em alto volume. Outras estavam embriagadas. Havia crianças brincando em frente às suas casas com animais de estimação e algumas até pediram para serem fotografadas por um dos moradores. Uma socialização mais intensa do que aquela verificada em bairros com população de renda mais elevada, enclausurada em seus próprios muros. Este aspecto propicia a muitos moradores perceberem seu bairro positivamente, mesmo que não existam infraestrutura e recursos materiais disponíveis.

Para prosseguirmos com o objetivo de instigar novas percepções e re-conceituações sobre a pobreza urbana, voltamos a conversar com os colaboradores indagando-os sobre seu entendimento de pobreza. Transcrevemos suas falas, no quadro 3, para dialogarmos com as percepções narradas anteriormente e com os referenciais escolhidos, de modo a avançarmos em nossa caminhada. Nessa etapa da pesquisa não encontramos Ricardo.

Quadro 3 – Entendimentos de pobreza dos colaboradores

Sujeitos	Falas
Isolda	“Pobreza, sob minha percepção, é sinônimo de insuficiência em qualquer aspecto (material, de informação, de cultura, econômica, espiritual). Insuficiência esta que venha tornar o indivíduo alheio aos recursos mínimos à sobrevivência física, social e/ou espiritual”.
Açucena	“Pobreza é... que dentro da sua casa não tem o que comer... é... hoje não saber onde vou dormir. Posso passar por tudo, mas tenho onde dormir. Pobreza é isso. Não sou pobre e nem queria muito dinheiro. Hoje as coisas são mais fáceis. Pobreza de escravidão, num tem mais não”.
Madalena	“Pobreza é não ter onde morar e se alimentar... é uma pessoa menos favorecida na sociedade. É não ter saneamento, nem casa própria”.
Valentim	“Pobreza é não ter o alimento pra se alimentar. O pobre é o que não tem o alimento, o mais necessário”.
Nabuco	“Pobreza... é ser pobre. ((silêncio)) É não ter nada”.

Fonte: Pesquisa empírica (2014).

O termo pobreza ativou na percepção dos moradores aspectos objetivos exclusivamente negativos. Na fala de Isolda, as necessidades objetivas e subjetivas do ser humano são mencionadas e dialogando com suas percepções do momento anterior, de desconhecimento do tema da pesquisa, pode-se inferir que ela apreenda pobreza no bairro onde vive, apesar das coisas boas existentes. No discurso de Açucena foram mencionadas às faltas de alimentos, de moradia e implicitamente de liberdade e direitos. Fez referência, indireta, à mudança socioeconômica ocorrida no Brasil de redução na quantidade de miseráveis e de pobres, possibilitada pelos programas de redistribuição de renda do governo federal e de facilidade de acesso ao crédito e ao consumo. Inclusive, dentro dessa mudança, podemos mencionar a melhora no padrão de vida visualizado no Alto da Penha nos últimos anos, mudando, em termos relativos, o status do bairro. Açucena assumiu claramente não ser pobre – e, de certa forma, confirmou nossa suspeita de suas imagens retratarem os símbolos de riquezas em seu lar.

Moradia, alimentos e saneamentos foram aspectos destacados nas falas de Madalena e Valentim, portanto, podem-se inferir suas percepções de ser o Alto da Penha um bairro onde há pobreza. Mas outros assuntos das narrativas imagéticas, tais como acesso à educação, espiritualidade/religiosidade e cultura não foram mencionados nesse momento. A ausência de coisas consideradas boas e a presença de certos aspectos ruins informados por eles mesmos não viria a constituir pobreza. Excetuando a fala de Isolda (abrangente) e a de Nabuco (vaga),

nas demais o assunto *falta de saneamento* e a ausência de *moradia* e *alimentação* (citada implicitamente em possibilidade de compras no *comércio* local) caracterizam pobreza. Os tópicos negativos anteriormente citados (espaços culturais e esportivos abandonados, terrenos baldios, drogas, desavenças políticas e biblioteca constantemente fechada) não são sinônimos dela.

Estas respostas sobre o que é pobreza versam em manifestações do pensamento abissal em ação. Tão logo o termo pobreza apareceu na conversa, imperou a questão da sobrevivência. É como se o lúdico, a magia, a educação, a inserção política fossem supérfluos ou artigos de luxo. Se estas percepções se difundem pela sociedade, não é de admirar o pouco cuidado consigo e com todas as formas de vida, com o planeta. Também não é estranha a pouca participação política, a falta de criticidade diante de problemas sociais, culturais e educacionais.

3 Onde chegamos...

Ao ir a campo sem informar os sujeitos sobre o tema da pesquisa, captamos dos nossos colaboradores percepções de coisas boas e ruins em seus espaços cotidianos e vislumbramos olhares novos sobre situações que, comumente, seriam signos das pobrezaas. Pelas imagens apresentadas e percepções que compuseram nossas narrativas visualizamos muitas pobrezaas: quadras de esportes vazias, biblioteca fechada, inadequação de oportunidades oferecidas, conflitos políticos, drogas, etc. Mesmo considerando nossas falhas no contato com os moradores, ainda assim foi possível perceber a positividade concreta daquelas pessoas e do bairro, principalmente ao fotografarem gente, seus lares, a escola, e citarem os projetos sociais e aspectos espirituais/religiosos.

Acreditamos ter estimulado ‘o novo’ sem ignorar ‘o velho’ já naturalizado. Isto é importante porque se desprezásemos a realidade tal qual está moldada seria muito difícil questionar e incitar quaisquer mudanças. Nós ouvimos respostas que nos ofertaram possibilidades. E ainda como consequência destas interações pessoais e conceituais, percebemos muitos dos aspectos negativos, ressaltados pelos participantes, não serem exclusividade do bairro Alto da Penha, nem do município de Crato que, tradicionalmente, não é considerado um município pobre, embora alguns bairros o sejam.

Esperamos que nosso objetivo de contribuir para novas percepções sobre a pobreza, com a participação ativa de sujeitos normalmente excluídos do processo de construção do conhecimento, desperte as percepções dos leitores e instiguem novas caminhadas. Como

última contribuição, visualizamos muitas pobreza existentes, inclusive com a pouca consciência sobre os fatos da vida, os fenômenos sociais e a própria existência. Resta-nos indagar como discutir o delicado e complexo conceito de pobreza no âmbito social, com pessoas comuns atuantes em seus bairros, com gestores sociais, políticos, estudantes, especialistas, donas de casa, quando se fazem necessárias discussões epistemológicas – normalmente restritas a determinados ambientes acadêmicos e ainda assim não são consensuais. Descobrir tal resposta será o maior dos desafios, afinal quaisquer projetos futuros com esse intento necessitarão de muitos anos de erros e acertos e de senso comum a respaldar a busca de reorientação perceptiva imprescindíveis para mudarmos nossos hábitos insustentáveis e pouco conscientes de viver e que nos tornam pobres.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da (2006), **Antropologia da imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline (2010), **Geografia urbana**. 3ª ed. (Trad. de Raquel S. de Brito). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CABRAL, Marcelo Grimm; WERNER, Francyne; ZANELLA, Andréa Vieira (2010), A sociedade da imagem e a imagem da sociedade: discursos visuais produzidos por jovens em contexto escolar. *In: Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)*, 113-130.
- EGLER, Tamara Tania Cohen (2006), Espaço social na metrópole, *in* SILVA, Cátia Antonia da; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (org.), **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj.
- FERNANDES, Roosevelt S.; SOUZA, Valdir José de; PELISSARI, Vinícius Braga; FERNANDES, Sabrina T. **Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental**. <www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf> Acesso em 2013.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio (1999), **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Editora da USP.
- FERRARINI, Adriane Vieira (2008), **Pobreza: possibilidades de construção de políticas emancipatórias**. São Leopoldo: Oikos.
- FLORENTINO, José; SALDANHA, Ricardo Pedrozo (2007), Esporte, educação e inclusão social: reflexões sobre a prática pedagógica em educação física, *In: Efdeportes.com* Revista digital. Año 12. nº 112. Buenos Aires, <<http://www.efdeportes.com/efd112/esporte-educacao-e-inclusao-social.htm>>
- ILLICH, Ivan (2000), Necessidades, *in*: SACHS, Wolfgang (org.), **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis, RJ: Vozes.

- IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil básico municipal 2013, Crato**. Fortaleza.
- JORGE, Ana Maria Guimarães. **Introdução à percepção**: entre os sentidos e o conhecimento. São Paulo: Paulus, 2011.
- LATOUCHE, Serge (2000), Padrão de vida, *in*: SACHS, Wolfgang (org.) **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____ (2009), *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. (Trad. de Claudia Berliner), São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- LEITE, Izildo Corrêa (2005), Pobreza, representações, identidade e política social, *In*: **II Jornada Internacional de Políticas Públicas. Mundialização e estados nacionais**: a questão da emancipação e da soberania. Maranhão: UFMA.
- LUMMIS, C Douglas (2000), Igualdade, *in*: SACHS, Wolfgang (org.) **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *In*: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n.32, pp. 129-156, jul./dez. 2009.
- MARTINS, José de Souza (2013), **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto.
- MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- PORTUGAL, Sílvia (2006), **Novas famílias, modos antigos. As redes sociais na produção de bem-estar**. Tese. Coimbra: FE-UC.
- RAHNEMA, Majid (2000), Pobreza, *In*: SACHS, Wolfgang (org.) **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis, RJ: Vozes.
- RAY, Debraj (1998), **Economía del desarrollo**. Trad. de Maria Esther Rabasco. Barcelona: Antoni Bosch Editor.
- REIS, Carla de Brito (2006), Os novos lugares de lazer da metrópole do Rio de Janeiro, *in* SILVA, Cátia Antonia da; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (org.), **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj.
- RUÍ, Maria Cecília da. **A sociologia compreensiva de Weber e a sua relação com o Direito**. *In*: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-sociologia-compreensiva-de-weber-e-a-sua-relacao-com-o-direito/60331/>> Março de 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In*: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Out., 2002, pp.237-280.
- _____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Milton (1999), As formas da pobreza e da dívida social, *in*: **III Semana Social Brasileira**. Resgate das dívidas sociais: justiça e solidariedade na construção de uma

sociedade democrática. Brasília, DF.

- SARAIVA, Ana Raquel Bezerra; COSTA, Celme Torres Ferreira; LIMA, Maria Gorethe de Sousa; LOPES, Maria do Socorro Vieira (2013), Doenças de veiculação hídrica – perfil sociodemográfico das famílias atendidas pelas equipes de saúde da família, *In*: CAJAZEIRA, Paulo Eduardo (org.), **Estudos sobre o desenvolvimento sustentável no semiárido**. Juazeiro do Norte: PRODER-UFCA e CAPES.
- SEN, Amartya (2010), **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. de Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras.
- SIQUEIRA, Deis (2008), O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional, *In*: **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v.23, n.12, p.425-462.
- SPICKER, Paul (2009), Definiciones de pobreza: doce grupos de significados, *In*: SPICKER, Paul; LEGUIZAMÓN, Sonia Alvarez; GORDON, David (org.), **Pobreza: Un glosario internacional**. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO.
- TRAGTENBERG, Maurício (1997), Apresentação, *In*: WEBER, Max, **Textos selecionados**. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- VITTE, Antonio Carlos (2009), Modernidade, território e sustentabilidade: refletindo sobre qualidade de vida, *In*: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo (org.), **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- VITTE, Claudete de Castro Silva (2009), A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade, *In*: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo (org.), **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.